

POLÍTICA NO BRASIL PARA AS ELEIÇÕES DE 2018

Comentários Iniciais – Para as Eleições de 2018

[Não existe pergunta ruim - Rosane de Oliveira](#)

[PARA O BEM DA DEMOCRACIA - Claudio Lamachia](#)

[A lição filipina ao Brasil – Rodrigo Lopes](#)

[Bolsonaro quer mais 10 ministros no Supremo – Paulo Germano](#)

[Comentários & Réplicas](#)

Comentários Iniciais – Para as Eleições de 2018

De: Manfredo Winge

Enviada em: sexta-feira, 13 de julho de 2018 16:39

Para: 'acir@senador.leg.br'; 'aacio.neves@senador.leg.br'; 'sen.airtonsandoval@senado.leg.br'; 'alvarodias@senador.leg.br'; 'ana.amelia@senadora.leg.br'; 'angela.portela@senadora.leg.br'; 'antonio.anastasia@senador.leg.br'; 'antoniosantos@senador.leg.br'; 'armando.monteiro@senador.leg.br'; 'ataides.oliveira@senador.leg.br'; 'benedito.lira@senador.leg.br'; 'cassio.cunha.lima@senador.leg.br'; 'cidinho.santos@senador.leg.br'; 'cristovam.buarque@senador.leg.br'; 'daliro.beber@senador.leg.br'; 'dario.berger@senador.leg.br'; 'davi.alcolumbre@senador.leg.br'; 'edison.lobao@senador.leg.br'; 'eduardo.amorim@senador.leg.br'; 'eduardo.braga@senador.leg.br'; 'eduardo.lopes@senador.leg.br'; 'elmano.ferrer@senador.leg.br'; 'eunicio.oliveira@senador.leg.br'; 'fatima.bezerra@senadora.leg.br'; 'fernandobezerra@senador.leg.br'; 'fernando.colli@senador.leg.br'; 'flexa.ribeiro@senador.leg.br'; 'garibaldi.alves@senador.leg.br'; 'gladson.cameli@senador.leg.br'; 'gleisi@senadora.leg.br'; 'helojose@senador.leg.br'; 'humberto.costa@senador.leg.br'; 'ivo.cassol@senador.leg.br'; 'jader.barbalho@senador.leg.br'; 'joao.alberto.souza@senador.leg.br'; 'joao.capiberibe@senador.leg.br'; 'jorge.viana@senador.leg.br'; 'jose.agripino@senador.leg.br'; 'jose.maranhao@senador.leg.br'; 'josemedeiros@senador.leg.br'; 'jose.pimentel@senador.leg.br'; 'jose.serra@senador.leg.br'; 'katia.abreu@senadora.leg.br'; 'lasier.martins@senador.leg.br'; 'lidice.mata@senadora.leg.br'; 'lindbergh.farias@senador.leg.br'; 'lucia.vania@senadora.leg.br'; 'magno.malta@senador.leg.br'; 'maria.carmo.alves@senadora.leg.br'; 'marta.suplicy@senadora.leg.br'; 'omar.aziz@senador.leg.br'; 'otto.alencar@senador.leg.br'; 'paulo.bauer@senador.leg.br'; 'paulopaim@senador.leg.br'; 'paulo.rocha@senador.leg.br'; 'pedrochaves@senador.leg.br'; 'raimundo.lira@senador.leg.br'; 'randolfe.rodrigues@senador.leg.br'; 'reginasousa@senadora.leg.br'; 'reguffe@senador.leg.br'; 'renan.caiheiros@senador.leg.br'; 'roberto.muniz@senador.leg.br'; 'roberto.requiao@senador.leg.br'; 'robertorocha@senador.leg.br'; 'romario@senador.leg.br'; 'romero.juca@senador.leg.br'; 'ronaldo.caiado@senador.leg.br'; 'rose.freitas@senadora.leg.br'; 'sergio.petecao@senador.leg.br'; 'simone.tebet@senadora.leg.br'; 'tasso.jereissati@senador.leg.br'; 'telmariomota@senador.leg.br'; 'valdir.raupp@senador.leg.br'; 'vanessa.graziotin@senadora.leg.br'; 'vicentinho.alves@senador.leg.br'; 'wladimir.moka@senador.leg.br'; 'willington.fagundes@senador.leg.br'; 'wilder.morais@senador.leg.br'; 'zeze.perrella@senador.leg.br'

Cc: Rosane de Oliveira; 'presidencia@oab.org.br'; Walter Alves Neves

Assunto: PARA AS ELEIÇÕES DE 2018: "NÃO EXISTE PERGUNTA RUIM, CANDIDATO" & "PARA O BEM DA DEMOCRACIA"

Senhores senadores e demais,

está chegando a hora de elegermos presidente + vice; senadores; deputados federais; governadores + vices; deputados estaduais.

Como já disse alhures, a **escolha de bons senadores e deputados, mais do que à do presidente, é fundamental, principalmente agora**, para: (1) começar a se lavar a sujeira cleptocrática sistematizada e (2) se ter um bom congresso que passe a ser respeitado pelos quadros de gente honesta e competente que possa fazer frente, com rapidez e de forma bem pensada, a eventuais medidas autoritárias e ruins do executivo, como algumas indefensáveis Medidas Provisórias, decretos, nomeações de ministros inexperientes ou ficha-suja, etc. que trazem mais problemas do que soluções.

O [artigo de Rosane de Oliveira](#) mostra a dificuldade de se obter informações sobre os presidenciáveis que são 16.

Imaginem, então, como poderemos aquilatar competências e probidades dos candidatos ao senador, câmara de deputados e assembleias legislativas com muitos candidatos para se votar no melhor ou, pelo menos, no menos pior?. E ainda com possibilidades de nossos votos serem fraudados eletronicamente (*sic*): [[Teste equipe UNICAMP](#)].

O presidente nacional da OAB, Cláudio Lamachia, nos brinda com um pequeno mas contundente artigo – [transcrito adiante](#) - sobre as eleições que se aproximam expondo as causas dos desânimos sobre elas e os perigos que corremos de ser enganados e de forma exponencial visto o intenso e instantâneo tráfego de mentiras que valorizam uns e denigrem outros dos candidatos que se apresentam.

Com relação a esses problemas, cabe lembrar que se tivesse sido implantado o **portal de informações dos candidatos** pelo sistema TSE/TRE's, como sugerido já em 2016 (*), poderíamos já estar analisando e comparando currículos e dados fidedignos dos que agora ainda vão se apresentar para nos representar ou para dirigir nossos serviços públicos.

Manfredo Winge - <http://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

(*) Ver SUGESTÃO DE **EXTINÇÃO DE PROPAGANDA ELEITORAL E A CRIAÇÃO DE SISTEMA DE INFORMAÇÕES** _em: http://mw.eco.br/zip/sug/POL_01_Portal.pdf

PS - recebi em maio um e-mail do Prof. Walter Neves, apresentando-se como **pré-candidato a deputado federal**. Ver: CONTRA A BARBÁRIE - Entrevista - páginas amarelas de 6/6/18 da VEJA:

(<https://veja.abril.com.br/revista-veja/contra-a-barbarie/>) com Walter Neves, professor da USP, recentemente aposentado, arqueólogo e agora candidato a deputado pelo PPL – Partido Pátria Livre. Ver vídeo desse professor: “Saga da Humanidade” com acesso em <http://mw.eco.br/zip/destaques.htm>.

© ELEIÇÕES 2018 – ZERO HORA:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/rosane-de-oliveira/noticia/2018/06/nao-existe-pergunta-ruim-senhores-candidatos-cjw5fbo0jsg01qo4tspwod.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

Não existe pergunta ruim, senhores candidatos

Todos os pretendentes ao Planalto têm suas fragilidades e nada justifica passar a mão na cabeça de um ou de outro: as entrevistas são a oportunidade para iluminar as zonas de sombra

Rosane de Oliveira

26/06/2018-18h00min - Atualizada em 26/06/2018 - 22h43min

Virou moda entre os militantes das **candidaturas a presidente da República** dizer que os jornalistas fazem perguntas inconvenientes. Não existe pergunta ruim. Quem se dispõe a concorrer a um cargo dessa importância tem de saber que será cobrado pelo que fez no passado, confrontado por suas contradições e cobrado por propostas para o futuro.

Justificar a ausência em entrevistas com o argumento de que os jornalistas fazem perguntas capciosas é defender o voto no escuro e subtrair do eleitor o direito de conhecer o que pensam os candidatos.

Quem acompanhou a entrevista da deputada **Manuela D'Ávila (PC do B)** no *Roda Viva*, na segunda-feira (25), com um olho na TV Cultura e o outro nas redes sociais percebeu essa visão tortuosa dos militantes. Qualquer pergunta que provocasse o mínimo de desconforto – incluindo as da jornalista Vera Magalhães – era tratada como machismo, misoginia, preconceito contra a esquerda, coisa velha. Ora, se queremos **2**igualdade de gênero, não se espera que Manuela ou **Marina Silva (Rede)** sejam poupadas de perguntas difíceis por serem mulheres.

Manuela tem razão em reclamar de a TV Cultura escalar para entrevistá-la Frederico D'Ávila, diretor da Sociedade Rural Brasileira. Ali não estava um jornalista, mas um dos coordenadores do plano de governo de **Jair Bolsonaro (PSL)** para o agronegócio.

Todos os pretendentes ao Planalto têm suas fragilidades e não há nada que justifique passar a mão na cabeça de um ou de outro. Se Manuela concorre por um partido que tem a palavra “comunista” no nome, não é ofensa perguntar em que lugar do planeta o comunismo deu certo. Se votou a favor da **Lei da Ficha Limpa**, e acha que o ex-presidente **Lula** pode concorrer mesmo condenado em segunda instância, é legítimo que se questione a contradição. Dizer que “todo mundo sabe que Lula foi condenado sem provas” não é resposta satisfatória. Pode-se questionar a qualidade das provas, mas foram aceitas por duas instâncias do Judiciário, cujas decisões têm sido mantidas pela terceira instância.

Da mesma forma, não há nada de errado em questionar Marina sobre sua omissão em questões graves do país no intervalo entre uma eleição e outra, condição que lhe valeu o apelido de cometa. Marina não tem como apagar de sua biografia a aliança com **Aécio Neves (PSDB)** no segundo turno de 2014. No máximo poderá alegar, como dizem os candidatos em geral, “eu não sabia”.

Geraldo Alckmin não será poupado nas entrevistas e debates de falar sobre os desvios de recursos nas obras do Rodoanel, durante seu governo em São Paulo, nem sobre a leniência do PSDB com os desvios de conduta de Aécio, do ex-governador Eduardo Azeredo e outros tucanos.

Jair Bolsonaro (PSL), que foge das entrevistas porque seus conselheiros acham que os jornalistas têm má vontade com ele, precisa responder pelas posições racistas, pela apologia do estupro (quando disse que a deputada Maria do Rosário não merecia ser estuprada porque é muito feia) e pela defesa da tortura. Tem de ser questionado, sim, sobre a viabilidade de suas propostas de governo e sobre a omissão em temas relevantes.

Como Lula está na cadeia, não é possível questioná-lo como candidato, mas o PT precisa responder sobre o petrolão, o mensalão e todos os escândalos ocorridos nos seus governos. Fingir que não ocorreram desvios bilionários na Petrobras e que tudo se resume a uma conspiração para impedir a vitória do petista é enterrar a cabeça, feito avestruz, para fugir da realidade.

O impaciente **Ciro Gomes (PDT)**, que briga com a própria sombra, deve estar preparado para perguntas indigestas sobre seus arroubos e cobranças de maior clareza em relação ao projeto que tem a oferecer ao Brasil, não raro incompatível com leis universais como a da oferta e da procura.

Guilherme Boulos (PSOL) não poderá se ofender com questionamentos sobre sua liderança na invasão de propriedades públicas e privadas.

Henrique Meirelles (MDB) é o candidato do governo e, querendo ou não, será cobrado pelos erros de **Michel Temer**, por sua passagem pela empresa de Joesley Batista e por outras questões que não estarão na propaganda eleitoral.

Alvaro Dias (Podemos) será confrontado com seu passado camaleônico, com sucessivas trocas de partido. **Flávio Rocha** (PRB) tem sido e continuará sendo cobrado por suas inconsistências de liberal na economia com um discurso dos mais retrógrados nos costumes. **João Amoêdo** (Novo) pode sofrer menos cobranças porque nunca esteve nem próximo do poder, mas terá de explicitar propostas impopulares defendidas por seu partido, que não raro demonstra falta de sensibilidade social.

© Zero Hora desta sexta-feira (06). Na publicação, ele faz uma reflexão para a situação política do Brasil.

<http://www.oabrs.org.br/noticias/artigo-presidente-nacional-oab-claudio-lamachia-na-edicao-desta-sextafeira-06-no-jornal-zero-hora-pa/27758>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfred Winge]

PARA O BEM DA DEMOCRACIA

Claudio Lamachia

Presidente nacional da OAB

presidencia@oab.org.br

Desde as manifestações de 2013, notamos o anseio de setores da sociedade em favor de uma intervenção militar no país. Tais manifestações foram comuns durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff e recentemente na paralisação dos caminhoneiros. São movimentos que representam ruptura inaceitável, especialmente para quem defende e tem como doutrina a Constituição Federal e o Estado democrático de direito. Tão grave quanto o desejo pelo retorno dos militares ao poder é o que ele representa: desesperança na política. A OAB, quando requereu ao STF o afastamento do então deputado Eduardo Cunha da presidência da Câmara ou quando pediu o impeachment de Dilma Rousseff e Michel Temer, assim agiu por acreditar na solidez de nossa democracia.

No entanto, esse desânimo não é injustificável nem se trata de fenômeno nacional. A crise da democracia representativa apresenta sintomas mundo afora e converte-se numa oportunidade para o autoritarismo que se propõe a resolver problemas complexos com simplicidade simplória. Esse radicalismo surge como reação de uma população que não apenas se vê desconectada de

seus representantes, mas enganada por parte de uma classe política que só parece interessada em manter seus privilégios, alheia à formulação de políticas que promovam a melhoria do país. Por isso, as eleições assumem papel ainda mais importante para a renovação de personagens, ideais, propostas e atitudes. As redes sociais têm se mostrado em todo o mundo um elemento de extrema influência na escolha dos candidatos por parte do eleitorado.

Confira as fontes da informação antes de compartilhar. Evite sites cujas manchetes tenham claro tom sensacionalista, fique atento a erros de português e utilize os mecanismos de busca da internet para verificar se outras fontes confiáveis também repercutem a mesma informação. Para os males da democracia, mais democracia. Esse é o processo de consolidação de um bem precioso: a liberdade. É preciso votar conscientemente e fiscalizar, para o bem da democracia.

© zero hora <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/rodrigo-lobes/noticia/2018/07/a-licao-filipina-ao-brasil-para-evitar-um-presidente-autoritario-cjikeub0c0s4r01qo2pwtwhzu.html>
[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

AMEAÇA À IMPRENSA

A lição filipina ao Brasil para evitar um presidente autoritário

Jornalista denuncia caçada à imprensa por parte do regime de Rodrigo Duterte

RODRIGO LOPES

13/07/2018 - 17H41MINATUALIZADA EM 13/07/2018 - 17H41MIN

O governo de **Rodrigo Duterte** transformou-se em uma azeitada máquina de enxovalhar reputações e cercar a imprensa nas Filipinas utilizando-se das redes sociais. Eleito em 2016 com a promessa de pesar a mão contra os criminosos, ele está cumprindo sua palavra por meio de execuções extrajudiciais. Sua guerra às drogas levou à morte de 9.432 pessoas (a polícia admite 4 mil). Para a Igreja Católica das Filipinas é "um reino do terror". Para a Human Rights Watch (HRW), uma campanha de extermínio, de total impunidade aos policiais.

Quem questiona sua política é taxado como "inimigo da pátria". Apoiadores de Duterte não poupam críticos e a jornalistas. E é aí que as redes sociais entram como motor de perseguição à imprensa.

A retórica do governo filipino serve de alerta em ano de eleição no Brasil, onde candidatos de extrema-direita, como Jair Bolsonaro (PSL), podem conquistar apoio com o canto do combate à criminalidade a qualquer custo.

Maria Ressa, jornalista



Maria Ressa, ex-correspondente da rede CNN, é uma das vozes que têm questionado o regime filipino. Jornalista com mais de 30 anos de experiência, a editora do site de notícias Rappler foi laureada com a Caneta de Ouro da Liberdade de Imprensa pela Associação Mundial de Jornais (Wan) e pelo Fórum Mundial de Editores. Além de ser ameaçada pelo regime, ela tem sido alvo de campanhas de hashtags projetadas para

incitar grupos online a atacar e desacreditá-la e ao Rappler. De Manila, ela conversou com a coluna.

Quando a democracia filipina começou a se converter em um regime autoritário?

Foi uma transformação lenta. Não aconteceu da noite para o dia. Percebemos isso por conta dos números da guerra às drogas. O tipo de ataques online a que estávamos sendo alvo sugeria que deveríamos parar com os reportagens. Percebemos que havíamos feito uma escolha. Em julho de 2016, decidimos continuar a questionar os números de mortos na guerra às drogas. No primeiro discurso sobre o estado da nação, o presidente Duterte atacou um diário filipino, dizendo que eram todos ligados aos viciados (em drogas). Continuamos reportando sobre a guerra às drogas, questionando quantas pessoas exatamente haviam sido mortas por esse conflito e qual o impacto em

suas comunidades. Depois, percebemos que havia um esforço nas mídias sociais para silenciar qualquer questão sobre guerra às drogas. Qualquer um que trouxesse à tona questões como execuções extrajudiciais era alvo de ataque no Facebook. Começamos a monitorar isso de muito perto e a coletar dados de agosto de 2016. Percebemos que tínhamos de fazer algo contra no Facebook. Testamos todos os passos para continuar fazendo o que sentíamos que era nosso trabalho, nossa missão. Mesmo que sejamos intimidados, sofremos bullying pelas mídias sociais. Estamos sempre avaliando, testando, é contínuo esforço para reportar, questionar, exigir respostas das autoridades e que prestem contas às pessoas.

Que tipo de intimidação vocês são vítimas? Seus jornalistas, por exemplo, não podem cobrir o palácio presidencial?

Nossa repórter podia entrar no palácio, fazer perguntas, mas, no final de uma semana, foi dito a ela que não seria mais bem-vinda. Algumas semanas depois, ela não teve permitido seu posto em uma cerimônia pública com o presidente. Um mês depois, outra correspondente, em outra cidade, foi impedida de cobrir o presidente, enquanto ele falava em público. Obviamente, isso é um tipo de violação da Constituição. Continuamos questionando isso. Essa administração decidiu que só pode ter acesso quem fizer uma cobertura favorável.

O governo usa o Facebook para incentivar os internautas contra o seu site de notícias
Correto. Eles tentam silenciar pontos de vista divergentes.

A polícia matou, na guerra às drogas, mais de 9 mil pessoas. Os filipinos sabem disso?
Grupos de direitos humanos, Anistia Internacional, Human Rights Watch, todos têm questionado quantas pessoas morreram. A polícia admite 4 mil mortos. Mas são mais. Continuamos questionando, dizendo que esse número deve ser maior. A impunidade continua.

Teremos no Brasil eleições este ano e alguns candidatos, como Jair Bolsonaro, levantam a bandeira do combate à criminalidade com medidas duras, que geram dúvidas sobre respeito a direitos humanos. A senhora acha que o modelo Rodrigo Duterte pode ser imitado por outros políticos em outros países?

Não acompanho de perto a política brasileira. Mas Madeleine Albright (*ex-secretária de Estado dos EUA*) escreveu um livro chamado de “Fascismo”, no qual ela traça a ascensão de Benito Mussolini e Adolf Hitler. Parte do que estamos vendo agora é a ascensão do populismo, de líderes autoritários. As pessoas ao redor do mundo querem líderes que “sabem o que estão fazendo” e que resolvam os problemas de forma mágica. No caso das Filipinas, a violência em torno da guerra às drogas criou um cenário de medo que censura visões alternativas e questões sobre transparência. Espero que o Brasil não siga por esse caminho.

Até que ponto o populismo põe em risco a democracia?

O que vemos é, em parte, permitido pela tecnologia. São movimentos contra a democracia liberal, que reivindicam que ela não é percebida por todos, que não é sentida pelas pessoas comuns. Isso é um problema. Mas resolver esse problema elegendo homens que prometem respostas simples para perguntas complexas é criar governos autoritários. Uma das coisas que acho importante observar aqui é o papel da tecnologia. E das mídias sociais em particular.

Além das Filipinas, há retrocesso na democracia em outros países como na Venezuela.
Sim, é muito assustador. Tenham boa sorte com sua eleição no Brasil. A organização Repórteres Sem Fronteiras observa que a democracia está regredindo.

Tem sido comum políticos hoje em dia considerarem fake news informações verdadeiras que a imprensa publica, mas que são contrárias a seus interesses.

Não ajuda quando o líder dos EUA usa esse termo. Serve de exemplo a outros líderes. Duterte faz nas Filipinas o mesmo que **Donald Trump**. Ele chama de fake news (quando não gosta de uma informação). É parte da tendência global ao extremismo. A lição mais importante que os jornalista

devem lembrar é de sua missão, de dar informação. É um mundo complexo. É fácil para um líder forte simplificar (as questões), ignorando nuances. Nas Filipinas, temos este mês uma taxa de inflação muito mais alta do que o governo previu. Temos de ter habilidade para fazer o governo prestar contas para a população.

O presidente Duterte ataca outros grupos? Ou só a vocês?

Em seu primeiro ano no governo, ele atacou o maior jornal, Phillipine Daily Inquirer, porque eles divulgaram os nomes das pessoas mortas na guerra às drogas. Atacaram o jornal pela foto de uma mãe e seu filho morto. O segundo foi a maior emissora de TV, ABS/CBN. Fomos os terceiros. Somos o maior site de notícias nas Filipinas. Esta administração definitivamente tem agido para rebaixar a imprensa livre.

Os filipinos percebem a importância do jornalismo profissional?

Acho que sim. Houve um silêncio entre agosto de 2016 e agosto de 2017. Após a morte de três jovens na guerra às drogas, mais filipinos passaram a se tornar ativistas. Em especial este ano, com as ações contra o Rappler, as pessoas se deram conta. Espero que o governo esteja sendo fortemente pressionado por mais liberdade de expressão e que as pessoas se deem conta de que notícias verdadeiras e independentes são importantes na atual época.

©ZERO HORA <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2018/07/bolsonaro-quer-mais-10-ministros-no-supremo-um-cliche-do-autoritarismo-cijk846240rwr01qolm354n5j.html>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários *sites* vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o *link* acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

VELHA FÓRMULA

Bolsonaro quer mais 10 ministros no Supremo: um clichê do autoritarismo

Hugo Chávez, Getúlio Vargas e a ditadura militar também mexeram na configuração da Suprema Corte. O raciocínio é sempre o mesmo: ou a Justiça faz o que eu quero, ou a Justiça não é justa

PAULO GERMANO

13/07/2018 - 13h56min Atualizada em 13/07/2018 - 16h29min

Só tem duas formas de ser autoritário. Uma é sendo revolucionário, a outra é sendo reacionário. Não tem erro: se o presidente se encaixa em um desses perfis – revolucionário ou reacionário –, a democracia vai bambolear, a história mostra isso.

Porque esses dois tipos, no fim das contas, querem a mesma coisa: botar abaixo a ordem social vigente e construir outra. A diferença é que, enquanto o revolucionário pretende INSTAURAR uma nova ordem, o reacionário busca RESTAURAR uma ordem que já passou. E a única forma de fazer isso é desmantelando as instituições – as leis, a Constituição, a independência do Judiciário, o Legislativo, tudo isso vai para as cucuias com um autoritário no poder.

Na próxima eleição para presidente, teremos um candidato para cada um desses perfis. Não vote neles, se me permite o conselho. Vou falar sobre o reacionário, porque o revolucionário não tem a menor chance de vencer – e foi o reacionário quem disse outra inquietante barbaridade nos últimos dias.

Líder nas pesquisas de intenção de voto, Jair Bolsonaro (PSL) revelou que **pretende aumentar, caso seja eleito, de 11 para 21 o número de ministros** do Supremo Tribunal Federal. Quem indicará os novos juízes, claro, vai ser ele.

– É uma maneira de botar 10 isentos lá dentro – disse o deputado à TV Cidade, de Fortaleza, acrescentando que os escolhidos teriam o "perfil" de Sérgio Moro. – Da forma como (*os atuais ministros*) têm decidido as questões nacionais, não podemos sequer sonhar em mudar o destino do Brasil.

E que destino, credo. Concorde que certos ministros fariam um favor à nação se desaparecessem, mas nenhum cenário pode ser pior do que o Poder Executivo controlando o Judiciário. Com 21 juizes no Supremo – mais as vagas que se abrirão por motivo de aposentadoria –, Bolsonaro praticamente ditaria os rumos da aplicação das leis no país inteiro.

Fã da ditadura militar e, como bom reacionário, entusiasta de um passado mítico em que tudo era perfeito, o candidato repete uma ideia justamente daquela época. O governo Castelo Branco, com o Ato Institucional nº2, aumentou de 11 para 16 o número de ministros da Corte em 1965. Com mais magistrados simpáticos ao regime, ficou fácil aprovar medidas que fortaleciam a sustentação da então jovem ditadura.

Não há democracia com revolucionários e reacionários. Fuja deles, por favor, não vote neles.

Mas esquerda e direita são igualmente autoritárias quando querem. Em 2003, foi o revolucionário Hugo Chávez quem se meteu a mexer na Suprema Corte. Temendo que a oposição conseguisse viabilizar, com aval do tribunal, um referendo para evitar sua imortalização no poder, o venezuelano subiu para 32 o número de ministros. Antes, eram 21. Como se sabe, Chávez morreu presidente 10 anos depois.

Agora, foi a vez da Polônia. Comandado por um partido nacionalista de extrema-direita, o governo aposentou compulsoriamente, há duas semanas, 27 dos 72 juizes da mais alta corte do país. A justificativa: eram magistrados "comunistas". Precisavam ser substituídos por gente – adivinhe? – isenta. É sempre a mesma conversa.

Getúlio Vargas, em 1931, também aposentou de forma compulsória seis dos 15 ministros simplesmente porque atrapalhavam seus planos. Em todos os casos, o raciocínio é igual: ou a Justiça faz o que eu quero, ou a Justiça não é justa. E assim o autoritário controla o Judiciário, controla as leis, depois controla o Legislativo e pronto, está instituído o totalitarismo.

Essa é a única fórmula para destruir a ordem vigente e construir outra. Sempre, invariavelmente, quem faz isso é o reacionário ou o revolucionário. Não há democracia com eles. Fuja deles, por favor, não vote neles.

Comentários & Replicas

From: Ellen Bisconti
Sent: Saturday, July 14, 2018 9:45 PM
To: Manfredo Winge
Subject: Re: PARA AS ELEIÇÕES DE 2018: "NÃO EXISTE PERGUNTA RUIM, CANDIDATO" & "PARA O BEM DA DEMOCRACIA"

O maior problema no país é essa miríade de partidos, para não dizer pilha. Nos outros países se destacam 2 ou 3. Sinto saudade do tempo do MDB e da ARENA. Não da ditadura.

Um partido é lucrativo. Repartir os bilhões aprovados pelo Congresso e o tempo no rádio e TV. Partidos nanicos que se erguem e participam da mesa de negociações. Fiquei surpresa ao ver que o professor Walter Neves se filiou a um pequeno partido de esquerda, do foro de São Paulo. Pesquisei no Google, porque não sabia que esse partido existia. Muitas siglas. Muito votei no PT, mas a verdade me libertou.

Os candidatos devem dizer o motivo para quererem ser deputados, senadores etc. Quando eleitos, trabalhar muito e depois dar explicações à população, e se necessário, dar a cara a tapa. Não o velho "encher morcilha". Os eleitores já sabem o final da frase que o político começou. Essas lorotas são nossas velhas conhecidas.

Sou otimista quanto às eleições. Vai haver a renovação que esperamos. Votarão na esquerda apenas os mesmos que dela dependem para retirar o seu sustento. Fraude em eleições sempre houve. Mesmo no tempo das cédulas de papel. Não receio as urnas eletrônicas.

Sobre as notícias falsas, providências já foram tomadas. Não me preocupa esse aspecto.

Para mim não existe dúvida. Já tenho candidato para o primeiro e o segundo turno. Estou pronta.

Os candidatos costumeiros não devem ser votados. Que voltem para suas casas e pendurem as chuteiras.

De: Manfred Winge

Enviada em: sexta-feira, 20 de julho de 2018 17:31

Para: Ellen Bisconti

Cc: acir@senador.leg.br; aeicio.neves@senador.leg.br; sen.airtonsandoval@senador.leg.br; alvarodias@senador.leg.br; ana.amelia@senadora.leg.br; angela.portela@senadora.leg.br; antonio.anastasia@senador.leg.br; antoniocarlosvaladares@senador.leg.br; armando.monteiro@senador.leg.br; ataides.oliveira@senador.leg.br; benedito.lira@senador.leg.br; cassio.cunha.lima@senador.leg.br; cidinho.santos@senador.leg.br; ciro.nogueira@senador.leg.br; cristovam.buarque@senador.leg.br; dallio.beber@senador.leg.br; daniel.berger@senador.leg.br; davi.alcolumbre@senador.leg.br; edison.lobao@senador.leg.br; eduardo.amorim@senador.leg.br; eduardo.braga@senador.leg.br; eduardo.lopes@senador.leg.br; elmano.ferrer@senador.leg.br; eunicio.oliveira@senador.leg.br; fatima.bezerra@senadora.leg.br; fernandobezerracoelho@senador.leg.br; fernando.collior@senador.leg.br; fléxia.ribeiro@senador.leg.br; garibaldi.alves@senador.leg.br; gladson.camella@senador.leg.br; gleisi@senadora.leg.br; heliojose@senador.leg.br; humberto.costa@senador.leg.br; ivo.cassol@senador.leg.br; jader.barbalho@senador.leg.br; joao.alberto.souza@senador.leg.br; joao.capiberibe@senador.leg.br; jorge.viana@senador.leg.br; jose.maranhao@senador.leg.br; josemedeiros@senador.leg.br; jose.pimentel@senador.leg.br; jose.serra@senador.leg.br; katia.abreu@senadora.leg.br; lasier.martins@senador.leg.br; lidice.mata@senadora.leg.br; lindbergh.farias@senador.leg.br; lucia.vania@senadora.leg.br; magno.malta@senador.leg.br; maria.carmo.alves@senadora.leg.br; marta.suplicy@senadora.leg.br; mariano@senador.leg.br; otto.alencar@senador.leg.br; paulo.bauer@senador.leg.br; paulopaim@senador.leg.br; paulo.rocha@senador.leg.br; pedrochaves@senador.leg.br; raimundo.lira@senador.leg.br; randolfe.rodrigues@senador.leg.br; reginasousa@senadora.leg.br; reguffe@senador.leg.br; renan.calheiros@senador.leg.br; roberto.muniz@senador.leg.br; roberto.requiao@senador.leg.br; robertorocha@senador.leg.br; romario@senador.leg.br; romero.juca@senador.leg.br; ronaldo.caiado@senador.leg.br; rose.freitas@senadora.leg.br; sergio.petecao@senador.leg.br; simone.tebet@senadora.leg.br; tasso.jereissati@senador.leg.br; telmariomota@senador.leg.br; valdir.raupp@senador.leg.br; vanessa.grazziotin@senadora.leg.br; vicentinho.alves@senador.leg.br; waldemir.moka@senador.leg.br; wellington.fagundes@senador.leg.br; wilder.morais@senador.leg.br; zeze.perrella@senador.leg.br

Assunto: Coment & Réplicas: PARA AS ELEIÇÕES DE 2018: "NÃO EXISTE PERGUNTA RUIM, CANDIDATO" & "PARA O BEM DA DEMOCRACIA"

Prezada Ellen e demais,

obrigado por mais esta colaboração com seus pontos de vista. Concordo com eles e aproveito para fazer algumas sugestões/observações a seguir, só não sabia que esse partido PPL-Partido Pátria Livre, escolhido pelo Prof. Neves é da esquerda convicta, seguidora do [Foro de São Paulo](#) criado em 1990 que propõe diretrizes e expansão socialistas para países latino-americanos como definidas pelo falecido Fidel e do, agora condenado, Lula. Seguem, então, algumas observações/sugestões:

1- ao invés da deletéria “propaganda eleitoral” - que não informa quase nada sobre o candidato, acho que deveria: (a) utilizar-se, essencialmente, as emissoras públicas (custo quase zero) para o tempo de TV e de rádio mas, somente para debates entre os candidatos concorrentes aos mesmos cargos com agendamentos democráticos e (b) coordenado pelo TSE com os TRE’s, deveria ser organizado um *site* de fácil pesquisa com as informações curriculares essenciais bem como síntese das propostas de governo ou legislativas de cada um dos candidatos para que pudéssemos cotejá-los a qualquer momento;

2- como disse, ao encaminhar esse e-mail com nosso grande problema que são as eleições de 2018: “a **escolha de bons senadores e deputados, mais do que à do presidente, é fundamental**”. Só que para poder cotejar as escolhas os bons candidatos temos que ter uma base de dados confiáveis como já propusemos há muito tempo (sobre esses itens 1 e 2 ver mais propostas de reforma política e da administração pública em: <http://mw.eco.br/zig/Sugestoes.pdf>)

3- temos pré-candidatos que são “deificados” como o Lula (hoje inviável por ter sido condenado em 2ª instância) e o Bolsonaro e, por isto, despontam nas pesquisas de opinião. Entretanto, devem ser denunciados como candidatos que tendem a não respeitar as leis e fazem questão, muitas vezes, de explicitar isto (jogando o povo “nós contra eles”; “todos roubaram”; “bandido bom é bandido morto”; etc.), o que deve nos preocupar pois, sejam de “esquerda”, sejam de “direita”, certamente, se eleitos, **mostrarão a face autoritária** com governos que vão lembrar os de boquirrotos como Maduro, Trump, Erdogan,.. e podem levar o País a novo **estado de exceção/antidemocrático**, como no tempo da ditadura militar. Neste sentido, socorro-me dos trabalhos de jornalistas/cronistas da Zero Hora, transcritos neste *site*, [Rodrigo Lopes](#) (“A lição filipina ao Brasil para evitar um presidente autoritário”) e [Paulo Germano](#) (“Bolsonaro quer mais 10 ministros no Supremo: um clichê do autoritarismo”).

Abraços

Manfredo

Voltar para: [SITE](#) ou [Para Reforma Política](#)



[ENVIE SEUS COMENTÁRIOS](#)

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**,.. é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE [***Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail***](#)

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione 'Ctrl' e 'F' simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre